

SESSÕES DO PLENÁRIO

33ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 16 de setembro de 2022.

PRESIDENTE: DEPUTADO HILTON COELHO (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Invocando a proteção de Deus e dos orixás declaro aberta a presente sessão especial em comemoração aos 100 anos do Partido Comunista Brasileiro - PCB, proposta por este deputado que vos fala.

Convido, então, para compor a Mesa, primeiro, Sofia Manzano, que é professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Uesb, autora do livro *Economia Política para Trabalhadores*; o Sr. Giovanni Damico, geógrafo, mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia e professor estadual da rede básica, nosso professor Gio; o Sr. Álvaro Gomes, assessor especial, eterno deputado estadual desta Casa, que neste ato representa o defensor público-geral Rafson Saraiva Ximenes, muito obrigado, Álvaro, pela presença. (Palmas) O militante do Coletivo Negro Minervino de Oliveira, doutorando pela Ufba e advogado criminalista, o nosso João Coimbra Sousa; a Sr.^a Ana Karen Souza, a nossa professora da Universidade Estadual de Feira de Santana - Uefs; e, por fim, ele que está aqui com a indumentária de Carlos Marighella, o Sr. João Pedro Aguiar, secretário político da UJC Bahia. (Palmas)

Convido a todos, todas e todes presentes para ouvirmos a execução do Hino Nacional.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Ninguém precisa ficar tenso, porque no final nós vamos ter o Hino da Bahia, o nosso Hino ao Dois de Julho, certo? (Risos) Podem ficar tranquilos que vai ser completo.

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Bom, como proponente desta sessão, agora, nós vamos fazer o uso da palavra, pelo tempo de 5 minutos.

O Sr. HILTON COELHO: Rebeldia para todos e todas aqui, nesta sessão especial histórica, minha querida Ana Karen; meu querido Álvaro Gomes; nossa Sofia Manzano, que está nos premiando aqui, falo da Assembleia Legislativa, mas obviamente não poderia faltar nesse momento tão significativo para o seu partido, que corre como sangue nas suas veias. O nosso querido professor Giovanni; o nosso João, aqui, companheiros que estão no dia a dia da nossa luta porque, como dirigentes políticos, não poderia ser outra trajetória que não essa.

Este momento é um momento importantíssimo para Assembleia Legislativa da Bahia – e eu diria para o povo brasileiro – porque ele marca o momento de ruptura na

luta política no Brasil. É o momento em que a proposta, o programa comunista passa a se afirmar de maneira sistemática no Brasil. Obviamente, ele tem suas raízes históricas, como diria Carlos Marighella, quando fez referência às grandes revoltas escravas, à Revolta dos Malês, a todo o processo de enfrentamento que se fez, à guerra de independência.

Mas, em 1922, se forma o Partido Comunista Brasileiro, que é uma espécie de nascedouro da própria esquerda brasileira, e ele dá régua e compasso por décadas e décadas. Aliás, eu mesmo sou fruto desse prosseguimento do Partido Comunista Brasileiro, praticamente, como não poderia deixar de ser. Dois camaradas aqui que fazem parte do início da minha militância política: o companheiro professor Eliziário Andrade e o também companheiro professor Nelson Araújo sabem disso. Nós viemos de uma organização que tem uma relação, também na sua composição interna, com o Partido Comunista Brasileiro.

Nós sabemos o que foi a luta política. Eu quero trazer, aqui, o exemplo de Carlos Marighella, um deputado constituinte que teve uma das maiores votações da Bahia, com milhares e milhares de votos, o que equivaleu, à época, a cerca de 30 mil votos para deputado constituinte na Bahia, quando foi candidato e teve uma ação parlamentar que se destacou naquele contexto importantíssimo. Foi um militante político, sobretudo, que passou por duas ditaduras, a ditadura varguista e, depois, a que se se instaurou com o regime de 1964, e teve toda uma leitura política sobre o que era a composição, a formação social brasileira. E ainda hoje, olhando a riqueza do que foi a ação política de Carlos Marighella, a gente percebe o quanto, Vítor, as personalidades, de alguma forma, retratam os contextos históricos também.

A biografia de Carlos Marighella, assim como a biografia de Ana Montenegro... quando a gente relembra a companheira Ana Montenegro, eu que tive o prazer de militar um pouco ao lado da companheira Ana, que era alguém, digamos assim, que falava para toda a esquerda, com uma posição bem definida, programática, mas dialogando com toda a esquerda brasileira, e sempre nos deu muito orgulho. É muito importante entender porque outros partidos, outras organizações, hoje, utilizam Ana como referência dos seus coletivos também, e tudo isso está relacionado com o papel histórico do Partido Comunista Brasileiro.

Eu queria, para não me alongar muito nesta fala, porque eu poderia escolher o que eu diria aqui sobre o Partido Comunista Brasileiro, mas não vou fazer isso, porque as nossas estrelas estão aqui, na Mesa, e vão fazer o verdadeiro pronunciamento sobre essa trajetória. Mas eu quero apenas frisar o papel que os comunistas e as comunistas têm no atual contexto.

Dentro desse enfrentamento ao Estado brasileiro, o PCB se notabilizou também pelo enfrentamento ao fascismo; ao fascismo, no período de Getúlio Vargas, quando Vargas, de alguma forma, se relacionou e procurou representar as ideias fascistas no Brasil; ao enfrentamento de todos os grupos paramilitares, inclusive fascistas aqui no Brasil também; e, por fim, à ditadura de 64, que nós não podemos chamar de um regime fascista, porque tem determinadas características que não a definem assim, mas a brutalidade, o horror anticomunista obviamente marcou a ditadura, o regime de 64. E

dentro de toda essa trajetória, o PCB sempre marcou a sua coragem, a sua ousadia. E eu quero dizer que é isso que a gente precisa no atual contexto histórico.

A gente vê o nosso povo antibolsonarista. Alguns companheiros e companheiras pediram muito para a gente ter cuidado, mas nunca renunciaram. Eu falo dos companheiros do Partido Socialismo e Liberdade, os partidos da minha corrente, Ação Popular Socialista, e de outras correntes dentro do Psol, do receio da nossa campanha pelas ruas, professor Gio, que é aquela campanha que a gente faz em cima do carro de som, dizendo: “Companheiro, a gente vai se tornar um alvo muito fácil, por isso não baixe a cabeça, mas tenha muito cuidado”.

O que a gente percebe hoje é um receio muito grande. A esquerda se institucionalizou de uma forma que essa garra, que está na nossa ancestralidade de luta, desde lá, no enfrentamento ao colonialismo, passando por essa trajetória de partidos que afirmaram um programa, afirmaram uma prática política que sempre foi uma prática política de combate, o que a gente vê é isso enfraquecido nas hostes da esquerda, inclusive da esquerda socialista, infelizmente.

Ontem, eu conversando com uma professora – imagine, Nelson –, ela me dizia o seguinte: “Eu tenho candidato a presidente da República, mas você sabe, não é, deputado? A gente não pode falar para os estudantes.” Ela não falava em sala de aula, mas fora do espaço da sala de aula, porque eles são muito violentos. Olha a que nível nós chegamos, hoje, de setores que se posicionam politicamente, mas, de alguma forma, arrefeceram a sua ousadia para a luta política. É isso que os fascistas querem: eles querem nos intimidar, eles querem que nós não falemos, eles querem que nós não nos organizemos, porque só dessa forma que eles, de antemão, venceriam a luta política, mesmo sendo minoria, hoje, no Brasil. Eles querem se impor dessa forma.

Aí, eu quero concluir falando sobre o papel tão importante dos comunistas, Sofia, nesse contexto. Nós precisamos de uma militância que não vacile, que vá para cima para mudar a trajetória deste país. Eu quero remontar, aqui, a uma discussão que eu tive uma vez com o companheiro Milton, que é inspirador para todos nós, ele me falando da história das famílias comunistas, João, as famílias comunistas no Brasil e na Bahia, como isso é exemplo, e foi exemplo para mim. Há algumas semanas, eu conversei com minha filha de 11 anos, ela já está entendendo tudo. Você conversa com ela e ela se posiciona politicamente, fundamentando isso.

Eu disse para ela, Nelson: “Maiana, é o seguinte, papai vai ter que ficar um pouco ausente, eu vou sair de casa e você não vai me ver sair; eu vou chegar e você não vai me ver chegar, porque eu vou chegar muito tarde nesse período.” Porque nós estamos, como disse o companheiro Hamilton Assis, no momento da eleição das nossas vidas. Não é que as eleições sejam as nossas vidas, mas esta eleição é muito importante para a correlação de forças. Eu conversava isso com ela e ela disse: “Não, pai, eu entendo o que está acontecendo.” E disse: “Está tudo bem”. Essa foi a primeira parte da conversa. Agora tem a segunda: “Qual é o seu papel na campanha?” Pronto, é óbvio. Se ela já está entendendo sobre a luta política, Nelson, Eliziário, ela está entendendo o que está em jogo. Eu conversei com ela e no outro dia ela me acordou dizendo: “Pai, cadê o

material?” Eu pensei que era o material escolar. Ela disse: “Não, é material da campanha, meu pai”. E foi fazer campanha na escola dela.

Eu vou dizer, a história das famílias do partido comunista teve uma influência nisso, porque as famílias do partido comunista conversavam sobre política e as adolescentes e os adolescentes já sabiam que tinham um papel na luta política, que o presente e o futuro deles estava em jogo naquele momento político que estava ocorrendo ali.

Então, eu quero concluir dizendo isso: nós precisamos ser firmeza nessa conjuntura, não podemos ter medo de militares! Na América Latina, eles tentaram assustar o nosso povo. Em várias situações, o povo foi para cima e botou os militares de volta para os quartéis. Nós precisamos, possivelmente, ter que fazer isso aqui no Brasil também. Para isso, nós precisamos de uma ponta de lança que não seja molinha, Ana Karen. Que a gente se mire no exemplo de Ana Montenegro, levante a cabeça e vamos para cima! Porque esse Brasil é do povo, o petróleo é nosso – não é Nelson? –, do povo brasileiro. O petróleo não é dos norte-americanos ou dos chineses. A nossa soberania não está num balcão de negócios e o nosso povo tem que encarnar isso.

Por isso, eu quero dizer que não teria um momento mais significativo para os 100 anos do Partido Comunista Brasileiro. Quero dizer que é uma honra para o nosso mandato estar aqui presidindo esta sessão, mas é uma honra que traz também um anseio muito grande, Damico, Sofia, nossos companheiros que estão aqui na Mesa, porque eu queria ser convidado para esta sessão. Eu queria ter um companheiro, uma companheira, uma camarada do PCB que fosse a nossa deputada estadual que me convidasse e num segundo momento me passasse o microfone. Esse momento não está longe. A gente está percebendo como o Partido Comunista Brasileiro tem se fortalecido nesse contexto e daqui a pouquinho nós vamos ter uma deputada, um deputado orgânico do Partido Comunista Brasileiro para a gente abraçar aqui na Assembleia Legislativa, no Congresso Nacional, como quem abraça um camarada e como quem vai para a luta de classes sabendo e tendo consciência de qual é o seu papel.

Parabéns por este momento! Muito obrigado pela honra! Vamos seguir firmes para mudar o rumo do Brasil em uma perspectiva de afirmação do socialismo, da revolução. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Queremos convidar, aqui, Cheyenne Ayalla. Cadê Cheyenne? Pronto, Cheyenne. (Palmas) Essa jovem, negra, que dá tanto orgulho para a esquerda brasileira, vai compor a nossa Mesa aqui e eu não vou ficar com meias palavras, não, é a nossa candidata a deputada federal. Cheyenne, um abraço para você.

Eu vou fazer referência aos outros companheiros da Mesa também. Obviamente, eu não vou apresentar Giovani nem João, muito menos a companheira Sofia, como todos já sabem, mas nós vamos fazer referência a todo mundo e também a Guilherme Corona Reis, um jovem combativo dessa geração que já está apontando para a frente para responder as tarefas da luta de classe. (Palmas) Pronto.

Convido, então, para fazer o uso da palavra, pelo tempo de referência de 5 minutos, João Pedro Aguiar, que é um companheiro que está sempre conosco no dia a dia, ajudando a orientar o nosso mandato da resistência.

Essa plaquinha aí é que o comunismo chegou na Bahia, viu, gente? É uma frase de Carlos Marighella e o nosso mandato fez questão de fazer essa homenagem com as cores da resistência ao nosso Partido Comunista Brasileiro.

Com a palavra João, por 5 minutos, na tribuna.

O Sr. JOÃO PEDRO AGUIAR: Bom dia, camaradas, companheiras e companheiros.

Sou João Pedro Aguiar, secretário político da União da Juventude Comunista da Bahia, junto com diversos camaradas que estão aqui no Plenário, os camaradas que estão na Mesa: camarada Ayalla, camarada João, camarada Giovani, deputado Hilton, Sofia, camarada Karen.

Ao falar dos 100 anos do Partido Comunista Brasileiro, é fundamental falar também da sua juventude. O Partido Comunista Brasileiro surgiu em 1922. Sua juventude surgiu em 1927, logo na adesão à Internacional Comunista que, na época, um dos critérios para os partidos comunistas do mundo era constituir uma juventude.

A UJC já nasce denunciando as condições de vida da juventude trabalhadora, sobretudo a juventude operária no país, no jornal *A Nação*. Ela é parte constitutiva da fundação dos primeiros e mais fortes e mais presentes movimentos de massa no Brasil como, por exemplo, a União Nacional dos Estudantes.

Qual União da Juventude Comunista teve um papel protagonista na sua fundação?

Assim, a União da Juventude Comunista foi fundamental na luta contra o fascismo no movimento integralista que crescia em nosso país. O combate da União da Juventude Comunista, o combate do Partido Comunista Brasileiro e de diversos setores antifascistas impuseram, dentro daquele momento histórico, uma derrota nas ruas, conhecida como *A Revoada dos Galinhas Verdes*.

A União da Juventude Comunista e o seu partido comunista foram fundamentais nas lutas pelo movimento “*O petróleo é nosso!*”, quando o imperialismo dizia que o nosso país não tinha petróleo e que o Brasil, jamais, conseguiria a exploração do petróleo. Na fundação da própria Petrobras, empresa nacional estratégica para o nosso país e para a classe trabalhadora brasileira... Essa empresa tem sido desmontada pelo governo de Bolsonaro e Mourão.

Assim também aconteceu com a CLT, pois essa é uma garantia dos direitos para a classe trabalhadora; e tem sido destruída através da precarização do trabalho. Houve a reforma da Previdência. O modo de produção capitalista e a sua condição cada vez mais exploratória nos têm imposto. Mas, à época, houve a conquista de direitos, como as 8 horas de trabalho. Hoje, nós lutamos pelas 30 horas semanais, direito a férias remuneradas, ou seja, tudo aquilo que, à época e hoje, ainda é muito válido, mas representava um avanço na garantia da conquista dos direitos para a classe trabalhadora.

Foi, também, muito presente nas lutas contra a Ditadura Militar, contra a ditadura de Vargas. Inclusive, é fundamental dizer que nós tivemos os nossos camaradas

martirizados – e não foram poucos – durante esses períodos. Inclusive, o nosso camarada, à época, responsável pela Juventude Comunista, José Montenegro de Lima foi assassinado com injeção de matar cavalos pela ditadura.

Falar do passado, camaradas, para nós, mais do que uma referência simbólica e mais aquilo que já foi construído, é para nos dar um norte. Dizia-se que, na década de 1990, quando caiu o Muro de Berlim, quando a União Soviética foi derrotada, que a humanidade viveria, agora, o fim da história, que haveria um mundo de paz, que haveria um mundo onde não existiria mais o totalitarismo, onde não existiria mais a opressão, porque o comunismo teria sido, então, derrotado.

O que nós vemos nesse período, camaradas, em que o bloco socialista declinou, foi exatamente o contrário. A classe trabalhadora de todo o mundo foi sofrendo as consequências predatórias de não existir um contraponto na humanidade desse modo de produção que é, sim, possível ser superado. Nós vimos o avanço das guerras imperialistas, a invasão dos Estados Unidos no Afeganistão, no Iraque, os bombardeios na Síria, na Líbia, os saqueios e a destruição nos países das África e América Latina.

(O Sr. Presidente faz soar as campanhas.)

O Sr. JOÃO PEDRO AGUIAR: Para concluir, camaradas, o modo de produção capitalista fracassou para a grande maioria da humanidade. Ele ainda existe, porque existe uma minoria rica que explora, lucra e ganha com esse modo de produção capitalista. Nós temos uma tarefa que é sepultá-lo.

Nós estamos dispostos a nos referenciar em nosso passado, mas muito mais, construir um futuro – um futuro socialista com base no poder popular. E a sua juventude tem um papel fundamental, porque é a juventude que incendeia e vai estar sempre rejuvenescendo as fileiras da revolução.

Viva os 100 anos do Partido Comunista Brasileiro! (Palmas)

Viva os 95 anos da União da Juventude Comunista! (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): É isso aí! A gente vê os novos dirigentes nascendo aí, não é?

Obrigado, João, pela sua brilhante fala.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Concedo a palavra, agora, à estudante Cheyenne Ayalla pelo tempo de 5 minutos.

A Sr.^a CHEYENNE AYALLA: Bom dia a todos e a todas.

Camaradas, companheiros e companheiras, agradeço o espaço concedido para a gente estar celebrando o centenário do nosso partido; agradeço ao deputado Hilton Coelho por este momento tão célebre e importante para todos os comunistas baianos e de todo Brasil.

Camaradas, neste período em que estou assumindo esta tarefa eleitoral, eu, uma jovem aqui que vos fala, quando fui procurar alguma organização política que correspondesse aos meus anseios e às minhas contradições, as contradições que todos

nós estamos imersos e a procura por um futuro melhor, eu encontrei a União da Juventude Comunista.

Essa me trouxe um pouco de alegria e esperança para que a gente possa ter uma sociedade melhor, porque eu via o sofrimento das pessoas e falava assim: “Não é possível. Existem outras alternativas.”

E a gente, melhor, nós, né?, estamos sempre imersos, que não há outra alternativa. Esse é o fim que a gente deve aguentar durante as labutas diárias, como se não houvesse lutas, como se aquilo ali fosse o nosso peso a carregar.

Eu afirmo, camaradas, com toda a convicção, que não é um peso a se carregar, pois é uma coisa a se livrar. Eu vi esta luta dentro do nosso partido. Este não é um partido que apenas está aqui como representante do nosso Congresso ou outra casa dentro da legislação. Este é um partido que está dentro da luta de classes, é um partido orgânico, um partido hoje que em se insere, novamente, nas periferias da nossa cidade que lá são as mais gritantes contradições que a gente vê.

A gente, neste período, está aprofundando as nossas lutas dentro das periferias de Salvador. Eu sou uma dessas militantes que traz, de novo, a luta de classes para um espaço que, infelizmente, está imerso na violência urbana, está imerso na pobreza extrema. Infelizmente, a nossa população sofre neste momento. Nesse período, desde o golpista Temer, o Brasil tem passado por sofrimentos ainda maiores. E, aqui no partido, eu vi um novo futuro.

Eu venho de uma tradição, da minha cultura de matriz africana, que a gente deve honrar os nossos antepassados e conhecer a nossa história e assim saber lutar no presente como o nosso camarada falou.

Aqui, eu vejo o mesmo. Aqueles que fundaram o partido em 1922, eles trouxeram uma nova perspectiva de mundo para a gente, eles trouxeram a palavra da esperança, a palavra da luta na nossa sociedade.

Eu, nessa história, vi que nós podemos lutar. Esta não é uma tarefa individual, pois os camaradas Ayalla, Aguiar Coimbra, Damico, a grande Sofia e tantos outros estão nesta luta e estão postos a esta Mesa. Mas esta é uma luta coletiva, camaradas! Cada um é uma peça importantíssima para a superação do capitalismo e o fim do imperialismo.

Não devemos subestimar que é fácil ou não. É muito difícil. Nós sabemos disso. E o que nos dá vontade de lutar todos os dias é saber que temos camaradas tão honrosos ao nosso lado, que acreditam todos os dias na nossa luta e que estão dispostos a lutar conosco.

Eu trago esta palavra de que a nossa luta começa aqui. Mas tem muito chão ainda a se percorrer. A gente está reinaugurando esta presença nas eleições representativas. A gente tem visto que é muito difícil, para nós, que somos um partido que se tornou pequeno devido a várias lutas internas e, também, à nossa própria conjuntura política. Mas, no momento, se reinaugura. E, agora, estamos neste processo eleitoral para trazer e mostrar a nossa bandeira.

O que mais me chama a atenção neste período em que a gente está em tanto contato com as pessoas, em diversos âmbitos, é que, para além de gostarem do que falamos, essas pessoas estão abraçando esta causa. É neste momento que a gente vê o quão é importante o nosso trabalho que, apesar de ser de formiguinha, apesar de ser pouco a pouco, ele está chegando às casas das pessoas.

O que as pessoas falam sobre o nosso querido governador que tem feito um trabalho excelente neste período, que tem tocado tantas pessoas em tantas casas da nossa cidade, do nosso estado, é maravilhoso. E tem nos dado muita força para continuar.

Para além disso, eu queria, também, mencionar a construção dos nossos comitês que estão acontecendo neste período e que tudo foi feito através de muita vontade de cada um.

Então, camaradas, por isso, eu menciono tanto a luta coletiva, porque, apesar de ela não parecer, porque, na nossa estrutura, a gente tem que ter alguma representatividade dentro disso, mas tudo que é construído não é feito por ninguém sozinho.

Todos nós estamos contribuindo neste período da nossa forma e temos chegado a tantos jovens. Eu que estou na escola política, que é a União da Juventude Comunista, vejo isso diariamente. O nosso ímpeto está inscrito nisso. O comunismo é a juventude do mundo. E a União da Juventude Comunista tem este papel de incendiar os corações e de manter esta luta. Por isso, eu vejo um papel tão importante dos nossos jovens.

Então, camaradas, é isso.

Viva o nosso Partido Comunista Brasileiro!

Que ele tenha muito mais 100 anos!

E outra coisa: a gente está imerso em um partido que ele é orgânico, então, ele nunca morrerá.

Viva o Partido Comunista Brasileiro! (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Muito obrigado, Cheyenne.

Mais uma vez, nos alegra muito perceber o quanto lideranças com pouca idade já conseguem sinalizar tanta estrada de acúmulo. Isso daí é uma reserva.

Eu queria lhe dizer, Cheyenne, que este processo eleitoral nos dá visibilidade, porque as candidaturas fazem isso. A sua candidatura ao cargo de deputada federal faz isso, ou seja, dá visibilidade na discussão com as lideranças. Tudo isso é muito importante porque, neste momento, a gente tem o compromisso com a afirmação desta Bahia, deste Brasil. Que sejam uma Bahia e um Brasil que consigam vencer o fascismo e todo o conservadorismo.

Então, parabéns, pela candidatura ao cargo de deputada federal, pois ela é uma candidatura que muito nos orgulha.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Bem, já vou afirmando este compromisso com o companheiro Guilherme Corona Reis, também, candidato ao cargo de deputado federal nestas eleições. Parabéns, também, pela candidatura!

Queira ocupar, ali, a nossa tribuna, pois, hoje, ela é sobretudo uma tribuna comunista. No dia a dia, a gente tem de fazer a disputa. Mas, hoje, ela, a tribuna, é nossa.

Com a palavra Guilherme Reis para fazer uso da sua palavra durante o tempo de 5 minutos. (Palmas)

O Sr. GUILHERME CORONA REIS: Bom dia, camaradas, companheiros, companheiras!

Camaradas, os comunistas, em toda a sua história, eles só conheceram três destinos: o cárcere, a cova e a vitória. O PCB conheceu os três. Mas nenhum deles foi final para nós.

Conhecemos o cárcere com todos os nossos militantes em duas ditaduras e nos anos de chumbo, principalmente. Mas nunca nos deixamos prender pelas amarras ideológicas ou reais que o capitalismo nos impõe.

Conhecemos a cova. Fomos enterrados. Tivemos um terço do nosso comitê central morto pela ditadura nos anos de chumbo. E, mesmo assim, o nosso partido não morreu, continuou vivo. O partido passou por diversas tentativas de dissolução, desmembramento, por desvios oportunistas. E nunca deixamos morrer a chama da revolução que nos inspira a levantar todos os dias.

Conhecemos vitórias também, porque não só de derrotas foi feito o nosso partido. Defendemos a campanha de *“O petróleo é nosso”*, e o petróleo continuou sendo nosso. Construímos a UNE. Desmontamos a Ditadura Militar. Mas ainda não alcançamos a nossa vitória final que é o comunismo, é o socialismo em todo o seu avanço.

Por isso, camaradas, eu afirmo que, em toda esta história, nós nunca escolhemos as nossas tarefas. Os comunistas não escolhem tarefas: seja eu, enquanto militante individual, que não escolho sim ou não aceitar uma tarefa eleitoral, ou no dia a dia, ou de panfletagem. Mas sei que a minha obra é histórica, minha tarefa é histórica.

Os comunistas também não escolhem as suas tarefas. Não escolhemos defender o socialismo. Nós sabemos que é necessário. O socialismo não é uma escolha de um ou de outro, é uma necessidade histórica que nós precisamos alcançar.

Se nós queremos no libertar do cárcere que é a sociedade capitalista que prende 99% da população mundial em amarras de pobreza, miséria, fome, dor, sofrimento, nós precisamos escapar também da cova, que é a barbárie, que é a outra solução para o sistema.

Ou nós alcançamos a vitória, que é a superação, ou nós voltaremos ao tempo da barbárie que não conhecemos há muito. Vejam, não há outra solução. O comunismo, o socialismo, a superação do tempo histórico em que estamos, essas são uma necessidade.

Por isso, companheiros, companheiras, camaradas, hoje, a juventude do partido é o seu futuro. O comunismo é a juventude do mundo, porque ele já está presente hoje em nossos corações, já está presente hoje em nosso imaginário, o nosso ver o futuro. Mas ainda está presente em negação.

Nós precisamos alcançar a vitória real. Sabemos que, hoje, estas eleições, como disse o companheiro Hilton, são definitivas. Elas são importantes e são um passo histórico para avançarmos. Precisamos destruir o fascismo, derrotar as ondas

bolsonaristas, enterrar de vez este projeto brasileiro que é reacionário, que não corresponde às necessidades reais do povo brasileiro, do povo baiano, da classe trabalhadora.

Além de participar das eleições e levar um programa independente de classe, revolucionário, com todas as mediações que precisam ser feitas com o tempo histórico, mas sem nunca perder o seu conteúdo e a sua intenção, nós devemos participar das eleições e nunca esquecer que a nossa luta não se limita a ela.

Esta Casa, a Assembleia Legislativa, é um espaço importante de luta. E nós sabemos disso. Estaremos disputando este espaço, quando possível, em aliança com os nossos companheiros, os nossos aliados, como o companheiro Hilton. Nunca deixaremos de disputar estes espaços, camaradas.

Mas sabemos que o nosso futuro não se resume a eles, pois se o futuro e as revoluções fossem feitas de papel, folha e caneta, não teríamos tantos camaradas mortos pelo sistema, porque nós sabemos que se eles nos matam – perdoem a voz; eu estou um pouquinho doente – se eles nos matam, é porque eles têm medo, eles têm medo que o sistema tire os seus privilégios. O fascismo, ele quer que tenhamos medo. Mas nós não temos medo, não só porque somos corajosos, mas porque sabemos que o futuro é nosso.

O comunismo é a juventude do mundo. A juventude é o futuro do nosso partido. E nós sabemos que estamos nesta tarefa histórica que não escolhemos, mas a tomamos com todo o peito aberto e o coração na mão.

Muito obrigado a todos, muito obrigado ao companheiro Hilton por chamar esta sessão. Muito obrigado a todos os camaradas que se fazem presentes.

Obrigado pela sessão de vocês. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Obrigado a você, Guilherme, por esta fala tão consistente. Nós estamos tomando uma aula de história, política e ideologia. Ninguém vai sair igual desta sessão especial como entrou.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Vamos lá!

Agora, eu quero convidar a nossa maravilhosa, a nossa companheira Ana Karen que também, obviamente, tem compromisso com este conjunto de ideias neste processo eleitoral, porque é candidata ao cargo de deputada federal. Isso muito nos orgulha como representante da esquerda socialista, revolucionária, baiana e brasileira.

Com a palavra por 5 minutos, Ana.

A Sr.^a ANA KAREN DE OLIVEIRA SOUZA: Saudações a todos e a todas presentes.

Fico muito feliz em estar, hoje, nesta sessão convocada pelo companheiro Hilton, companheiro de lutas, que está dentro de um mandato combativo, mas não só de um mandato combativo dentro das lutas da nossa classe, há muitos anos. É um prazer poder dividir a Mesa com cada um dos camaradas aí que estão dentro das lutas da nossa classe. A camarada Sofia, aí, teve importante papel na reconstrução revolucionária. A nossa

camarada Elza Peixoto, aqui presente, estava no processo também de reorganização do PCB, no último período dentro da Bahia. Cumprimento cada um e cada uma aqui presente.

Nós temos uma tarefa histórica enquanto partido, enquanto militantes, enquanto juventude, enquanto mulheres, negros, negras, população LGBT, quilombola, ribeirinha de pensar, cada vez mais, em formular e em propor novos horizontes.

Nós estamos dentro de um país que acabou de passar por uma pandemia que levou a quase 700 mil mortos. Tudo isso poderia ter sido muito diferente. Nós sabemos muito bem que isso é produto deste modo de produção capitalista que, na sua forma destrutiva, tem acabado, tem dizimado a nossa classe, o meio ambiente, as nossas forças, cada vez mais. Por isso, nós sabemos muito bem que o socialismo e o comunismo, eles estão na ordem do dia.

Nós carregamos o legado de lutas de pessoas como, por exemplo, o Marighella, pois ele foi um companheiro extremamente combativo. Mas, também, ele tinha uma outra característica. A Ana Monte Negro gosta de falar sobre isso. Ele tinha a sua sensibilidade e a sua capacidade educativa, pois ele tinha de ensinar aprendendo.

Ele pouco falou sobre os anos em que ele teve de enfrentar dentro da prisão. Mas ele sempre falava, para os seus camaradas, da necessidade contínua do seu processo de aprendizado e das transformações necessárias a um partido comunista.

Nós temos 100 anos de história. Mas, também, estamos comemorando 30 anos da nossa reconstrução revolucionária. Quando, em 1992, nós olhamos e dissemos, lá, naquele momento da queda do muro de Berlim, que sim, o comunismo é o horizonte necessário para romper com essa sociedade de morte e de exploração. Naquele momento, nós tivemos camaradas históricos que estiveram e que mantiveram a firmeza como a nossa grande camarada Ana Montenegro, que é reconhecida dentro da Bahia, dentro do Brasil e internacionalmente por sua combatividade, por sua vontade de transformar essa sociedade. Mas não só por isso, também é reconhecida pela sua capacidade propagandística, agitadora e organizadora popular. Todos e todas, muitos vão dizer que a Ana Montenegro pegava um ônibus, mesmo quando ela já estava mais idosa, e ia prestar auxílios jurídicos em qualquer lugar do Subúrbio Ferroviário ou dentro do interior da Bahia.

Nós precisamos retomar as lutas desses camaradas para também perceber as nossas necessidades orgânicas, enquanto coletivo, de estar cada vez mais entre todos os setores da classe trabalhadora. Esse é o partido de Maria Brandão dos Reis, a nossa camarada que veio do interior e que organizou muitas mulheres dentro das periferias urbanas, dentro de Salvador, lá na sua pensão. Foi ela, inclusive, que abrigou a Ana Montenegro e esteve dentro do processo de organização das lutas do Corta-braço em que os comunistas estiveram. Eram as lutas em defesa da moradia. Nós temos exemplos de várias outras mulheres jovens que poderíamos aqui trazer. Então é com muita felicidade que hoje nós dizemos que nós temos uma das juventudes mais combativas, organizadoras, educadoras, dentro do Brasil. Tenho muita felicidade de, no último processo de reconstrução, ter ficado, ter sido por 5 anos secretária política dessa juventude, quando a gente estava no processo de reorganização. E nós estivemos na

organização em vários dos interiores. A Bahia é toda essa diversidade que nós vemos muito bem aqui dentro da capital, mas nós também somos o interior, que traz nesse grande símbolo que nós temos, a foice e o martelo, que é carregado em todos os nossos espaços, a unidade entre os trabalhadores da cidade e os trabalhadores do campo. Os nossos interiores também têm muitos elementos que precisam ser trazidos da sua cultura, da sua organização, da sua combatividade.

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

É por isso que nesse centenário nós reafirmamos a nossa história e também a necessidade de estarmos organizados concretamente para romper com o fascismo.

Sabemos muito bem – já para finalizar – que esse momento eleitoral é fundamental, que a derrota de Bolsonaro é fundamental, mas também sabemos que o bolsonarismo se expandiu cada vez mais dentro do Brasil. E não vai ser nesse momento das eleições... Por isso também que nós precisamos coletivamente nos ampliar entre vários setores. Criar, cada vez mais, e ampliar essa unidade não só entre a esquerdas, mas também entre os trabalhadores da cidade e do campo, para romper e acabar de vez com todo esse reacionarismo, com o fascismo e organizando as mulheres, a população LGBT, negros e negras, quilombolas, ribeirinhos, porque temos possibilidade, efetivamente, de, enquanto comunistas, rumarmos ao socialismo, à construção do poder popular, ao comunismo.

Muito obrigada a todos. Um forte abraço. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Obrigado, Ana. Nós não esperávamos uma fala menor que essa, mas você sempre surpreende. Muito obrigado, camarada, ouviu? Fala maravilhosa.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Agora, Álvaro Gomes vai fazer uso da palavra. A Defensoria Pública não poderia ter pedido uma representação mais significativa. Álvaro, que será um eterno deputado estadual desta Casa. Com a palavra, por 5 minutos, Álvaro.

O Sr. ÁLVARO GOMES: Bom dia, todas as pessoas presentes. Eu queria parabenizar Hilton Coelho pela iniciativa de trazer esta discussão à Assembleia Legislativa, esta que é a Casa do Povo e que deve estar aberta para todas as discussões.

Eu trago o abraço do defensor geral Rafson Ximenes para o deputado Hilton Coelho, para os dirigentes do Partido Comunista Brasileiro, do PCB, para toda a militância aqui presente. A Defensoria Pública sempre está presente, aqui, nas sessões, nas diversas atividades, sempre defendendo a democracia, a justiça social, a transformação, uma vida digna para todas as pessoas.

Naturalmente, as ideias comunistas são importantes na sociedade, abraçadas por uma parcela considerável da nossa população. A experiência socialista, comunista, na prática, se deu a partir da revolução de 1917, na Rússia, União Soviética. E, a partir daquele momento, a expansão daquelas ideias pelo mundo inteiro.

Essa expansão fez com que a Rússia, que era um dos países mais atrasados do mundo, se transformasse em uma das maiores potências do mundo, não apenas do ponto de vista do desenvolvimento econômico e tecnológico, mas principalmente na redução das desigualdades sociais, na redução da fome, na melhoria na saúde e da educação.

A partir dessa expansão, nós observamos também uma melhoria nas condições de vida das populações em todo o mundo. Mesmo no mundo capitalista, observou-se o estado de bem-estar social, que foi evidentemente consequência da expansão do socialismo, do comunismo. Mesmo nos países capitalistas, para se contrapor ao socialismo, estabeleceram, dentro dos marcos do capitalismo, o chamado estado de bem-estar social. Evidentemente isso representou uma melhoria nas condições de vida da população com a questão da saúde, da previdência, educação, emprego etc.

É claro que isso se deu também e principalmente a partir das lutas das pessoas em todos esses países, a partir das ideias comunistas, das ideias socialistas presentes em todos esses países.

Portanto, eu acho muito importante a expansão dessas ideias, as ideias de Marx que se colocaram em prática a partir desse processo histórico revolucionário da União Soviética. Hoje infelizmente nós vivemos um momento de dificuldades, principalmente aqui no Brasil, uma ameaça de consolidação do fascismo, uma ameaça de rompimento com a democracia. Nós precisamos realmente estar atentos para resguardar o Estado democrático de direito, para que a gente possa conviver com as diversas opiniões, com os diversos pontos de vista presentes aqui na sociedade, e que a gente possa evoluir para construir uma sociedade onde todos possam viver com dignidade. Uma sociedade onde todos possam viver bem, todos tenham acesso à saúde, à educação, à moradia, ao emprego, à dignidade, e todos possam usufruir...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) da riqueza deste país, que é uma riqueza construída pelos trabalhadores, pela sociedade. E, conseqüentemente, se a riqueza é construída pela sociedade, ela tem de ser usufruída pela sociedade.

Portanto, um grande abraço aos dirigentes do Partido Comunista Brasileiro, o PCB; um grande abraço à militância do PCB.

Vamos à luta até à vitória. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Obrigado, Álvaro.

Mais uma vez, importante ressaltar a importância e a sensibilidade da Defensoria Pública em nos mandar esse grande orador e militante comunista também, como representante para esta sessão especial.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Dispensa apresentações, mas eu vou falar. Quero conceder a palavra ao militante do Coletivo Negro Minervino de Oliveira, doutorando pela Ufba e advogado criminalista pela Ufba.

De antemão, quero lhe agradecer, João Coimbra Souza, por toda a contribuição que tem dado nas manifestações diretas do nosso povo e também nas atividades aqui desta Casa, sempre com falas brilhantes, muito consistentes, contribuindo para a luta no nosso povo.

João, 5 minutos para você. (Palmas)

O Sr. JOÃO COIMBRA SOUZA: Camaradas, é com muita humildade que eu falo em nome do Coletivo Negro Comunista Minervino de Oliveira.

Lembrando a figura de Minervino, nosso camarada negro que se candidatou à presidência da República neste país racista. Eu me vejo também, com muita humildade, em uma posição semelhante, posto que eu também sou candidato em um país que continua racista, mas o coletivo negro não serve só para acumular os negros do partido, até porque a gente entende, e é essa determinação de raça num ambiente colonial, nós entendemos a materialidade da violência, uma violência direcionada aos negros, posto que fomos nós a primeira classe trabalhadora deste país.

O Minervino de Oliveira serve para a gente lembrar que se o comunismo informa a luta do negro hoje, a luta histórica do negro informa ao comunismo que a luta se dá dentro da materialidade. Um comunista não se deixa levar por palavras como uma dignidade que não descreve com quilos e hectares quanto de dignidade você tem para o povo. Nós não entendemos a raça como algo que você pode mudar e, por isso, nós nem nos incomodamos necessariamente com quem se declara mais negro, faiodermo ou cor de burro quando foge, porque nós entendemos a raça dentro dessa materialidade dentro da sua violência.

Camaradas, assim como Minervino de Oliveira, eu sou um comunista e, assim como Minervino de Oliveira, eu entendo que a corrida eleitoral é um momento de denúncia, é a tribuna do povo onde nós dizemos: tudo isso é fraudulento, tudo isso não nos importa, tudo isso é falso, é um contínuo colonial, camaradas. Um sistema baseado na supremacia branca não se permitiria mudar a supremacia, não com as próprias ferramentas. Nós, camaradas, fomos considerados ferramentas desse sistema. Esse foi o grande erro do colonizador, porque nós temos a linguagem, nós temos os músculos e nós temos o cérebro. Nós somos a força criadora deste país, camaradas. Não é a sociedade, a classe trabalhadora. Nós não vamos nos deixar enganar.

Camaradas, a luta não é feita de discurso, mas o discurso é necessário para inflamar os corações. Um coração inflamado exige uma cabeça fria. Essa combinação explosiva é capaz de mudar os rumos da história, camaradas. Nós, negros brasileiros, negros do Minervino de Oliveira, como Maria Aragão, mulher médica do PCB, que veio do meu estado de origem, Maranhão, estado que não me quis. A Bahia me quis e eu como bom brasileiro gosto de estar onde sou benquisto. É por esse amor que nós sentimos ódio. Ódio dos nossos inimigos, camaradas, ódio dos inimigos da classe trabalhadora, ódio de genocidas como Jair Messias Bolsonaro, o maior assassino vivo deste país.

Nós não nos deixamos enganar por quanto de dinheiro vivo ele usou em determinada coisa, nós valorizamos a vida acima do patrimônio. Por mim, Bolsonaro teria mil triplex. Ele matou um trabalhador e precisa pagar. E precisa pagar a

quantidade de trabalhadores que ele também matou multiplicada por mais de 700 mil. Mas a gente sabe também que o fascismo não cresce da cabeça em uma pessoa só, ele é determinado pelas condições objetivas, condições de desumanização.

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

Essa desumanização, camaradas, veio em cima de uma caravela. Então, eu vou dizer o seguinte, aproveitando segundos finais: nós do Partido Comunista Brasileiro entendemos que somos pequenos, mas um beija-flor também é pequeno. Ele é capaz de voar uma floresta inteira. Nós precisamos usar, camaradas, da nossa capacidade. E se um beija flor não é capaz de salvar a floresta, toda floresta é capaz. Se eu tenho um animal, se sou um animal capaz de me comunicar com todos eles, se eu posso trazer a força coletiva em um intento revolucionário, é essa minha tarefa histórica, camaradas. Não nos deixemos enganar. Não vamos ser chamados de nanicos, como nem Levino de Oliveira foi chamado. E olhem-no aqui, imortal. Somos imortais, camaradas, porque estamos na linha correta da história.

A linha correta da história que é determinada pelas necessidades materiais da classe trabalhadora. Assim seguiremos sem capitular com a burguesia, sem capitular com os falsos jogos de fundação eleitoral, usando este espaço como tribuna do povo e entendendo que a luta é tangível, a luta pela terra, a luta pelo pão e a luta pela vida da classe trabalhadora.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Não é à toa que o nosso João Coimbra está cumprindo um papel tão importante na atual conjuntura. Muito obrigado, João, pela sua fala brilhante.

E agora uma fala bastante esperada, dele que também dispensa apresentações, mas nós precisamos fazer a formalidade, porque esta sessão tem o seu quê de formalidade. Então, nós vamos conceder a palavra ao geógrafo, mestre em Ciências Sociais pela Ufba, professor da rede básica estadual. Falará o nosso querido Giovani Damico. (Palmas)

O Sr. GIOVANI DAMICO: Bom dia, camaradas. É difícil começar esta fala depois da fala de João. Eu preciso dizer a vocês uma fala que toca no coração de todos aqueles e todas aquelas comprometidos com esse país, comprometidos em dar fim a 5 séculos de exploração, de domínio, de humilhações. E uma fala destas já me deixa realmente muito mexido para começar. Esta é uma campanha que nós estamos enfrentando, de construção das lutas, reconstrução das lutas revolucionárias deste país, que encontra a todo momento uma série de obstáculos.

Eu queria comentar com vocês, rapidamente, duas coisas que talvez alguns de vocês tenham visto ontem e é importante que se diga isso. Todos nós aqui, todos vocês que estão no Plenário e todos os nossos outros camaradas poderiam e devem perfeitamente ocupar este espaço, que é um espaço para além do indivíduo, é um espaço da luta política que é representada pela luta imortal do povo trabalhador. Ontem,

eu fui questionado se estar em campanha eleitoral era para aumentar o meu prestígio próprio ou para me mostrar, que foi o termo melhor colocado.

E, camaradas, nós não temos outra resposta a dar senão a de que ocupar os espaços da democracia representativa, por limitada que ela seja, é uma tarefa que não deve falar sobre Giovani Damico, é uma tarefa que não deve falar sobre João Coimbra, uma tarefa que não deve falar sobre Ayalla. E, como maravilhosamente mostrou nosso querido deputado Hilton Coelho, é uma tarefa que não deve falar sobre Hilton Coelho, porque quando Hilton Coelho vem aqui e faz uma calorosa fala, como ele fez, eu tenho certeza de que vocês viram o que eu vi: a gente vê o povo brasileiro, o povo baiano de luta falando junto, porque Hilton levanta a sua voz, ele levanta um conjunto de bandeiras, um arcabouço histórico de lutas. E, ao mesmo tempo, nos perguntam: mas vocês, comunistas, vocês, socialistas, querem construir uma ditadura do proletariado? E foi assim que nos perguntaram ontem.

E aí a nós precisamos sempre lembrar que vivemos numa democracia extremamente tímida. Ela é importante, nós a defendemos, nós defendemos a existência da Assembleia Legislativa da Bahia e o seu papel representativo, mas a Assembleia Legislativa da Bahia tem uma Bíblia ali atrás. A população baiana, até onde me consta, não é, na sua totalidade, cristã. A nossa população, antes da chegada das caravelas, o que João bem colocou, sequer conhecia a Bíblia e o cristianismo, mas a Casa do Povo, ela é, notadamente, de forma muito declarada, uma Casa da segregação e que reproduz opressão.

Então, vejam, se a nós é perguntado “Vocês defendem a ditadura do proletariado?”, nós não temos como não responder que a tímida democracia em que estamos, ela vive, no seu dia a dia, no interior de uma ditadura, é a ditadura do capital. É a ditadura do capital que os comunistas denunciam a cada dia, a cada respirar. Como Guilherme nos chamou a atenção, muitos perderam a sua vida por fazer esse movimento de denúncia, de luta cotidiana, de construção da superação dessa ditadura, que é uma ditadura que tenta transformar 99% da população em submetidos, submissos aos interesses e ditames de poucas famílias, aos ditames dos interesses particulares que vêm ceifando as vidas, cotidianamente, de milhares e milhões da nossa classe.

Então, é por isso que o nosso dever, ao estarmos aqui, é trazê-la à tona. É tempo e é dever dos comunistas defender uma política de vida, porque cada jovem negro que morre neste país é uma derrota desta nação. Nós não podemos continuar aceitando que a resposta deste estado seja mais violência e tratar essas famílias, que já são desumanizadas no seu processo de vida, desde o seu nascimento, a partir de instituições racistas, a partir de instituições criminosas que matam, que forjam flagrantes... Nós temos usado esse papel e temos sido atacados, temos sido ameaçados, porque a nossa voz é a nossa voz, ela é uma voz conjunta, ela ressoa uma pauta incontornável, que são os direitos do nosso povo.

É o direito de sobrevivência do nosso povo, é o direito de que os nossos jovens, os jovens de quem eu tive a oportunidade de ser professor nos últimos anos dentro do sistema criminoso, que é o sistema penitenciário deste país... E eu digo para vocês, com muita dor no meu coração, que todos os meninos que foram meus alunos não estão

mais vivos. E a gente fica muito emocionado ao ver João vir aqui na frente nos chamar a atenção para isso. Se não forem os comunistas, se não forem os revolucionários comprometidos, como Hilton veio aqui e fez questão de trazer, como Sofia tem corrido o Brasil inteiro chamando a atenção, chegando em bancadas em que seis homens tentam atacá-la e nos colocar na posição de acuados, tentam nos ridicularizar... Se não formos nós a trazer à tona que essa realidade não só precisa como ela deve mudar, e ela vai mudar, se não formos nós, essa voz vai continuar entalada, e a gente não vai deixar que essa voz continue entalada.

Então, a nossa tarefa histórica, que o PCB vem cumprindo nesse período, que cumpriu em 1928, com a fundação do Bloco Operário Camponês, lançando Minervino de Oliveira a presidente da República, primeira tentativa de termos um presidente operário neste país.

Mas foi o mesmo PCB que, poucos anos depois da fundação da nossa Aliança Nacional Libertadora, com a presença brilhante do nosso saudoso Luís Carlos Prestes, anos à frente, encampou tantas outras lutas que já foram aqui mencionadas e que nós não precisamos rememorar. Somos aquilo que queremos da história, a história viva, a história em movimento, a história que transforma essa realidade, que é a única realidade que nós conhecemos, é a única história que nós conhecemos, é a história da luta de classes.

Então, camaradas, este espaço promovido hoje, nesta sessão solene, ele nos faz rememorar uma história que, em 1946, contou com uma fantástica dobradinha entre Jorge Amado e o nosso saudoso Carlos Marighella, que anos depois foi brutalmente assassinado pela ditadura. Mas em 46, enquanto deputados constituintes traziam à tona a necessidade de este país instaurar uma política de liberdade de credo... E vejam, conseguimos, mas ainda hoje nós temos religiões de matriz africanas sendo oprimidas, ainda hoje nós temos as populações indígenas sendo ceifadas dos seus costumes, sendo ceifadas da sua cultura. Não faz 10 dias que tivemos mais um jovem Pataxó assassinado nessa Bahia, não é, Ailton? Não faz um mês que nós tomamos conhecimento da notícia de que o assentamento do MLT, na Baixa Verde, na região de Eunápolis, está tendo as casas de seus lutadores sociais queimadas e postas ao chão.

Eu e meu camarada João tivemos a oportunidade de, em solidariedade a esses companheiros, visitar o assentamento, almoçamos... Do pouco que eles tinham, me ofereceram um dos melhores almoços que já tive na minha vida. Essa casa, camaradas, menos de 15 dias depois, foi incendiada, e nossos camaradas não tiveram sequer o direito de levar seus pertences, suas roupas, seus mantimentos. A custo de que, a mando de quem essas casas continuam sendo incendiadas, essas casas feitas de madeira? O nosso povo não recebe o direito sequer de ter a casa de alvenaria.

Nós temos, na região de Eunápolis, uma área cercada pela atividade criminosa do latifúndio, que criou um verdadeiro deserto verde, o deserto de eucalipto, que continua patrocinando cotidianamente a violência no campo, ceifando as vidas de lutadores sociais, destruindo seus meios de subsistência ao mesmo tempo em que envenenam o nosso solo, destroem nossa terra. E aí, se não formos nós a trazer à tona que a Bahia é um estado tão rico, mas que a nossa terra continua concentrada nas mãos

de uma minoria que desde os tempos da Colônia concentra riqueza, quem é que vai trazer à tona, se não for o deputado Hilton Coelho?

A gente precisa falar de reforma agrária na Bahia. Quem é que vai trazer à tona se não formos nós, tribunos do povo, que a Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrário foi fechada, mas os lucros do latifúndio estão garantidos, vendem para o exterior, destroem nosso solo, destroem nossas águas subterrâneas e sequer pagam impostos para a nossa Bahia? O ICMS, o imposto, isso tudo nos lembra que nós estamos numa ditadura do capital.

Quem é que mais paga impostos neste país, afinal, senão a classe trabalhadora? Nós não somos contra os impostos porque sabemos que as coisas são materiais, como muito bem trouxe o nosso camarada João, mas o dever do poder público, e é isso que essa memória de 100 anos do PCB vem sempre trazendo à tona, é colocar os recursos do Estado a serviço do povo. Não é outra, senão essa, a bandeira que nós temos trazido.

Muitas coisas que falamos parecem óbvias. Que defender a vida deve ser dever do Estado, que defender o trabalho como um direito inalienável deve ser uma obrigação do Estado, e, se é uma obrigação do Estado, ele tem que criar todos os meios materiais para que nossa classe tenha acesso a trabalho digno, a salários dignos, e não a salários de fome, que é a realidade à qual nós temos, infelizmente, assistido de maneira continuada. Se nós queremos tirar do mundo do crime nossos jovens que hoje estão perdendo suas vidas com 14, 15, 16, 17 anos, precisamos dar meios de vida para esses jovens. Essa é a política de vida que estamos trazendo à tona, porque não aguentamos mais continuar a destruição cotidiana da nossa população.

Então, camaradas, essa é a tarefa histórica que a gente vem chamando para si, essa é tarefa histórica que Sofia vem chamando brilhantemente para ela. Essa é a tarefa histórica na qual todos os nossos camaradas, aqui, no seu cotidiano, estão empenhados, na qual a minha companheira, que está aqui assistindo, tão bela... (Risos)

Vejam, camaradas, a gente tem construído... a última coisa, para encerrar esta fala: a gente tem construído essa luta numa plataforma pautada na solidariedade de classes. Os nossos trabalhos, eles são divididos na superação da divisão do trabalho que aliena. A gente cria uma nova divisão revolucionária do trabalho onde uma psicóloga pode ser designer gráfico, onde um alfaiate pode ser um dirigente, esse é o intelectual orgânico que o nosso querido Gramsci tanto chamava. Ele, que em outro lugar do mundo, foi também criminalizado, preso, tendo sua vida drenada até os últimos instantes.

Então, essa é uma luta histórica, essa é uma luta imemorial, essa é uma luta imortal, e essa é uma luta que transcende fronteiras. É por isso que nós falamos tanto em nós, porque essa luta transcende a fronteira do indivíduo, essa luta transcende a fronteira da Bahia. Essa é a luta que os comunistas trazem à tona, essa é a luta do centenário, histórico e imortal “Partidão”.

Venceremos, camaradas. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Obrigado, professor Gio. Obrigado também pelo seu papel tão importante na conjuntura atual, papel que, a cada

pronunciamento, a cada espaço, é tão bem aproveitado para falar das lutas do nosso povo, dos seus anseios, do futuro que precisamos construir, isso nos orgulha muito.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): E agora, por fim, quero chamar a nossa principal componente da Mesa, alguém que tem corrido este país inteiro para falar de um programa necessário para o Brasil, de reais transformações para o nosso país e, ao mesmo tempo, nos orgulha porque é também uma baiana, tal qual Carlos Marighella e tantos e tantas outras.

Então, quero conceder a palavra à professora da Universidade Estadual do Sudoeste Baiano e autora do livro *Economia Política para Trabalhadores*, a nossa Sofia Manzano.

A Sr.^a SOFIA MANZANO: Bom dia a todos, e todas, e todes! Bom dia, Hilton! Bom dia, Álvaro Gomes! Bom dia, Guilherme, Ana Karen, Giovani, João – João –, Ayalla!

É com imenso prazer e honra que eu ocupo hoje esta tribuna na Assembleia Legislativa da Bahia para marcar o ano do centenário do nosso querido “Partidão”, o Partido Comunista Brasileiro.

No dia 22 de março de 1922, pouco mais de 80 pessoas pelo Brasil afora, representadas por um conjunto de delegados, na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro, resolveram criar um instrumento político para fazer avançar a luta da classe trabalhadora. É importante ressaltar que não era para criar a luta da classe trabalhadora e, sim, avançar, porque a classe trabalhadora brasileira sempre esteve em luta, com os seus próprios instrumentos; as populações escravizadas, com as suas revoltas, os seus quilombos.

Após a chamada Abolição da Escravidão, os trabalhadores e trabalhadoras supostamente assalariados, no movimento sindical que surge a partir do anarcossindicalismo, constrói bravas greves e enfrentamentos, como a grande greve de 1917, a Greve Geral, um conjunto de homens e mulheres que, diante da superexploração da classe trabalhadora brasileira, já vinha com os seus instrumentos, ainda limitados, na luta de classes.

É importante dizer isso porque o PCB, o “Partidão”, que é hoje o partido mais antigo em funcionamento no país, não pode esquecer daqueles que vieram antes da sua própria constituição, porque é muito comum hoje em dia, quando a gente vai contar a história da nossa luta, ou das lutas, as pessoas acharem que a luta só começou quando eu começo a lutar, ou quando meu partido começa a existir, ou quando o meu sindicato ou a minha central sindical se constitui. Mas, na verdade, a história não é assim construída. Muitos vieram antes para que nós pudéssemos existir e nós existimos para que muitos possam existir no futuro e continuem essa luta.

Portanto, nesta comemoração, neste ano do centenário do PCB, eu, primeiro, quero louvar aqueles que, antes, lutaram e perceberam que precisavam construir um instrumento político mais amplo para fazer avançar aquelas lutas e construíram o PCB.

O PCB não se acovardou diante dos desafios que rapidamente lhe foram postos e foi para frente reproduzindo diversos outros instrumentos de luta, alguns já foram, aqui, ressaltados pelos que me antecederam, como o Bloco Operário Camponês, como a Aliança Nacional Libertadora. Porque o PCB, nestes 100 anos, passou 56 anos na clandestinidade ou na ilegalidade. Eu sempre ressalto que são conceitos diferentes, mas que, de toda forma, penalizaram o nosso partido e os nossos militantes no seu amplo direito de participar da política.

Quando nós dizemos que o PCB passou 56 anos na ilegalidade ou na clandestinidade, a diferença que eu coloco nestas duas palavras é porque muitas vezes o PCB era ilegal, porque o país se considerava um país democrático, mas não permitia que, naquela democracia, ainda mais restrita do que a que nós temos hoje, um partido comunista pudesse participar da institucionalidade democrática burguesa.

Portanto, o nosso partido existia enquanto organização, mas ainda não podia participar da institucionalidade, ele estava com a legalização dos seus instrumentos jurídicos impedida. Mas o PCB também passou por processos muito piores, que foi o processo da clandestinidade, porque aí teve que enfrentar duas ditaduras, e nessas ditaduras não se podia sequer existir autonomamente, a não ser de forma clandestina, escondido, com muito controle e cuidado para que os seus membros não fossem perseguidos, presos, torturados, assassinados, e muitos foram.

Por isso, nós não temos medo de dizer que defendemos a existência da democracia burguesa mesmo sabendo que ela é restrita, porque não é bonito e nem fácil existir sob uma ditadura, não é romântico, não tem nada de belo viver na clandestinidade, viver sendo ameaçado ou exilado, ter seus entes queridos perseguidos também, e muitos mortos e torturados.

Nós defendemos a existência do espaço democrático burguês, mas o defendemos para superá-lo, para transformar tanto as estruturas políticas quanto as estruturas sociais e econômicas numa outra forma de relação social que permita a ampla liberdade política, econômica e social do conjunto da humanidade, porque nós falamos que estamos a serviço da classe trabalhadora e temos a classe trabalhadora como eixo central da nossa luta e do nosso programa, mas temos que lembrar que Marx disse: “A classe trabalhadora é o sujeito da revolução porque a ela cabe emancipar toda a humanidade.”

É por isso que o comunismo é a proposta mais generosa que já existiu, porque as outras formas de revolução que a história concebeu foram sempre revoluções que fizeram com que uma classe social superasse uma outra classe social que a oprimia, que a dominava, mas não emancipou a humanidade como um todo porque continuou sendo uma classe dominante, mas nós queremos a superação da sociedade de classes. Nestes 100 anos do PCB temos também que ressaltar que o PCB cometeu erros e acertos na sua linha política, na sua estruturação interna, nos seus documentos, nas suas formas de pensar e agir de acordo com a conjuntura. Chegou, inclusive, a momentos de quase desaparecimento, um tanto por seus erros próprios, outro tanto pelas perseguições que sofremos. Mas nós temos que fazer uma autocritica e a fazemos na prática quando nós reconhecemos um período muito dramático da história do PCB, que

foram os anos 80, anos em que – depois que nossos militantes e dirigentes, aqueles que sobreviveram à tortura e ao assassinato da sanguinária ditadura burgo-militar e que estavam exilados ou escondidos, puderam voltar à cena política com a redemocratização do país a partir de 1985 – teve na direção do seu comitê central um conjunto de liquidacionistas traidores que fez de tudo para acabar com este partido, fez de tudo mesmo antes dos fatídicos 9º e 10º congressos, porque nos anos 80 fez as piores alianças de classe, apoiou os piores políticos em diversos estados brasileiros, abandonou qualquer perspectiva de apoio à luta de classes, inclusive considerou que não fazia mais sentido a luta de classes.

Era o período em que se achava que o proletariado não existia mais, o período do adeus ao proletariado, o período que, inclusive, culminou com o fim do socialismo na União Soviética e no Leste Europeu e que, nos anos entre 1990 e 1992, foram anos muito intensos da luta interna, no interior do nosso partido, que também é um período que me faz lembrar porque foi aí que eu comecei a minha militância no PCB.

Eu comecei a militância no PCB em 1989, em São Paulo, e, já de cara, enfrentando um processo de liquidação do PCB, de destruição. Aquilo que as mais difíceis e duras ditaduras não conseguiram fazer nossos supostos camaradas estavam agindo de forma intensa para que se efetivasse. Eu quero só tomar este ponto da nossa história como referência porque, hoje, andando pelo país, nesta tarefa que me cabe de levar no âmbito eleitoral o PCB, o seu programa e o seu propósito, eu tenho conversado com um contingente gigantesco de jovens que, hoje, vêm ao PCB, à JC, aos nossos coletivos, à unidade classista, ao CFC Ana Montenegro, ao Coletivo Minervino de Oliveira, ao LGBT Comunista, ao Coletivo Vianinha, e são ávidos por saberem dessa história. Como é que nós chegamos até aqui? Bom, nós podemos saber dessa história por diversos pesquisadores que estudam a nossa história. É interessante que houve uma pesquisa pela qual o partido que tem mais teses e dissertações nas universidades brasileiras é o PCB. É um partido que ainda hoje é constantemente estudado, fora as teses e dissertações sobre personalidade, sobre militantes.

O resgate, por exemplo, das mulheres que tiveram desde o início da nossa história. Mas nesses últimos 30 anos da história do PCB, esses anos que nós chamamos de reconstrução revolucionária, o PCB, aqueles que sobreviveram àquele fatídico processo de “liquidacionismo”, nós fizemos, estamos e continuamos fazendo, uma ampla análise da realidade brasileira, para entender este país, para entender as suas contradições, para entender a sua classe operária, para entender os seus movimentos, e ver nesse movimento histórico quais são as principais contradições que levarão à reorganização da classe trabalhadora no sentido da revolução socialista.

Mas eu quero dizer para vocês, e eu acho que os que são os mais velhos militantes aqui, na Bahia, sabem, como era difícil para a gente em 1992, 1993 e 1994, já que o comitê central e grande parte dos comitês regionais do PCB pelo Brasil afora simplesmente abandonaram a causa do socialismo e se mandaram para outras organizações políticas, hoje, inclusive, de direita e extrema direita. Não temos problema em dizer isso. No entanto, muitos jovens, hoje, me perguntam: “Como é que vocês fizeram esse processo?” Eu tenho de lembrar que não existia telefone celular, não existia internet, nem redes sociais. Porque, hoje, a gente pode encontrar comunistas

lutadoras e lutadores em qualquer parte do mundo, basta colocar algumas coisas na internet e a gente acaba encontrando. Mas nós não tínhamos, mal tínhamos telefone orelhão de ficha, a ficha no orelhão, para ligar para um ou outro local. E aqui, na Bahia, nós devemos ressaltar duas figuras que foram importantíssimas na resistência contra o “liquidacionismo”, que foram: Ana Montenegro, brava camarada que dá nome ao nosso coletivo por seu papel histórico na luta do PCB durante toda sua vida, principalmente na resistência contra os “liquidacionistas” aqui, na Bahia; e o camarada Milton Pinheiro, que, antes do “liquidacionismo”, já trabalhava aqui, na Bahia, para elevar o nível político, para elevar o nível de consciência de classe dos militantes que puderam resistir àquele processo.

E nesses anos todos, nesses 30 anos de reconstrução revolucionária, nós tivemos diversos problemas materiais, em alguns momentos com muitas dificuldades, e, numa época em que eu militava em São Paulo, era da direção do comitê regional de São Paulo, nós não tínhamos sede. Tínhamos pedido emprestado uma sala na Câmara de Vereadores de São Paulo e um vereador emprestou. Só que era domingo, e a Câmara não abre no domingo. Então, veio gente do interior todo para São Paulo, para participar daquela reunião do comitê regional. Nós olhamos em frente à Câmara Municipal de São Paulo e tinha uma grande árvore. Estava um calor, um solzão, mas tinha uma árvore grande e uns banquinhos. Nós falamos: “Vamos fazer a reunião ali na praça mesmo”. Pena que naquela época a gente não tinha essa mania de ficar fotografando tudo como hoje, senão teríamos esse registro histórico. Então, nos reunimos embaixo da árvore para fazer uma reunião do comitê regional. Fizemos uma campanha de filiação em nove estados.

Nesses dias, eu estava numa atividade em Pernambuco e um jovem, exaltando todo o trabalho da reconstrução revolucionária, falou assim: “(...) porque foram estas camaradas, estas camaradas que recolheram mais de 1 milhão de assinaturas para a legalização do PCB pós-liquidacionismo.” Eu não quis corrigi-lo naquela fala, mas, na verdade, recolher 1 milhão de assinaturas para legalizar um partido é muito mais fácil do que o que nós tivemos de fazer para legalizar o PCB nos anos 90, porque, à época, não era 1 milhão de assinaturas; à época, a exigência eleitoral... para ter um partido legalizado você precisava ter 20% de filiados em 20% dos municípios de nove estados. Só isso. Então, não adiantava... porque hoje é só ter apoiadores. Eram 20% de filiados de 20% dos municípios de nove estados. Nós fizemos isso com muito esforço, com muita dedicação. E o resultado nós temos hoje e teremos no futuro. O resultado é que: de Norte a Sul e no país inteiro, viva o Partido Comunista Brasileiro! Porque nós estamos aqui, nesta luta, para lutar, para criar o poder popular. E não é mole, não, acabar com o “Partidão”! (Palmas)

É isso, minha gente, obrigada. E venceremos!

Participantes da sessão: *“De Norte a Sul, e no país inteiro, viva o Partido Comunista Brasileiro! De Norte a Sul, e no país inteiro, viva o Partido Comunista Brasileiro! É revolucionária e anti-imperialista, e viva a União da Juventude Comunista! Não é mole, não, é impossível acabar com o ‘Partidão’! Não é mole, não, é impossível acabar com o ‘Partidão’!”*

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): É isso aí, pessoal. (Palmas)

Eu falei para vocês que ninguém sairia deste plenário da mesma forma que entrou. Eu estendo às pessoas que estão acompanhando via nossa *TV ALBA*. Sofia, uma fala maravilhosa. Esse fechamento, realmente, foi impressionante. Eu fiquei checando aqui com os camaradas o que, de fato, você estava falando, porque, realmente, é um troféu para a esquerda socialista revolucionária brasileira ter passado por um processo desse tipo. E a convicção que, de fato, não é mole e não vai acontecer o fim do nosso “Partidão”. Parabéns para você em nome de toda esta Mesa que participou aqui desta manhã magnífica.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Eu quero, aqui, agradecer a todos os servidores da Assembleia Legislativa que estão aqui, o pessoal do Cerimonial, o pessoal do Departamento de Taquigrafia, os técnicos, o pessoal da *TV ALBA*, o pessoal da Comunicação, dizer que está tudo registrado e a gente vai poder trabalhar de diversas formas também com esse registro deste momento histórico tão importante para nossa Bahia, que é a comemoração desse centenário.

E fazer duas correções. Primeira, que a nossa Sofia nasceu em São Paulo, mas já foi adotada pela Bahia, como o nosso Giovani também falou aqui, neste instante. Segunda, que aquela frase: “o comunismo chegou na Bahia”, na verdade, foi uma frase de um grande jornal de circulação nacional pelo episódio da fundação do Partido Comunista na Bahia, e o horror das elites em relação ao que isso significava. Nós recolhemos isso da história, da trajetória do PCB, especialmente da biografia de Carlos Marighella.

Eu convido todos e todas presentes para ouvirmos a execução do Hino da Bahia, o nosso Hino ao Dois de Julho.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Hilton Coelho): Esse hino nos acende muito mais. Imagine quando nós cantarmos a Internacional Comunista!

Viva o centenário do Partido Comunista Brasileiro! Viva! (Palmas)

Nós queríamos convidar todas e todos, mas, primeiro, nós vamos fazer uma foto da Mesa aqui. Depois, todo mundo aqui na frente para fazermos o registro histórico deste momento tão importante.

Em nome da Assembleia Legislativa, agradeço pelas presenças às autoridades civis, às Sr.^{as} e Srs. Deputados, à imprensa.

Declaro encerrada esta presente sessão.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.